

## Carlo Ginzburg, Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin: leitores da psicologia

---

Daniel da Silva Klein<sup>I</sup>

**Resumo:** O texto elabora num primeiro momento uma investigação crítica sobre a guinada intelectual promovida por Carlo Ginzburg em sua obra, que sai de uma leitura da psicologia da consciência e chega noutro oposto, a dos arquétipos do inconsciente coletivo de Jung. Adiante investiga-se como Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin podem revigorar a microhistória com seus trabalhos, que elaboram ressignificações de Sigmund Freud. A proposta é reafirmar a noção historiográfica de que quando os indivíduos são entendidos como racionalmente organizados, podemos trilhar caminhos que longe de contradizermos as heranças dos processos sociais, elas se reafirmam na execução cotidiana das relações sociais.

**Palavras-chave:** microhistória; psicologia; relações sociais.

### Carlo Ginzburg, Mikhail Bakhtin and Walter Benjamin: readers of psychology

**Abstract:** The text elaborates at first a critical investigation on the intellectual turn promoted by Carlo Ginzburg in his work, that leaves from a reading of the psychology of the conscience and arrives in another opposite, the archetypes of the collective unconscious of Jung. Further investigates how Mikhail Bakhtin and Walter Benjamin can reinvigorate the microhistory with their works, that elaborate ressignifications of Sigmund Freud. The proposal is to reaffirm the historiographical notion that when individuals are understood as rationally organized, we can walk paths that far from contradicting the inheritances of social processes, they reaffirm themselves in the daily execution of social relations.

**Key-words:** microhistory; psychology; social relations.

Artigo recebido em 02/01/2019 e aceito em 06/04/2019

### Uma guinada junguiana.

No final da década de 1980, Carlo Ginzburg fazia uma declaração pública, informando que tinha cometido algo que achava equivocado e provocando uma guinada intelectual nas suas pesquisas. Disse que há mais de vinte anos se propusera a demonstrar experimentalmente a inexistência da natureza humana, mas nessa estrada resolveu tomar outro rumo e fazer justamente o contrário<sup>II</sup>. A promoção dessa virada mostrará, porém, uma contradição forte dentro do conjunto de sua obra. Logicamente que ela permanece rica e complexa, por isso o que propomos é demonstrar que essa problemática somente amplia os interesses no trabalho desse historiador. Lembra-se, contudo, que esta seção tem por objetivo apenas fazer esse levantamento e não uma genealogia desse importante historiador.

Quando Carlo Ginzburg lançou em 1966 seu *Os andarilhos do bem* principiava sua atividade historiográfica assumindo um debate: contrapunha de um lado uma mentalidade

# CARLO GINZBURG, MIKHAIL BAKHTIN E WALTER BENJAMIN: LEITORES DA PSICOLOGIA

DANIEL DA SILVA KLEIN

coletiva e de outro as atitudes individuais. Retomando seu texto em 1972, contudo, acreditava ter assumido uma posição ingênua e não a retomaria, que era justamente a da autonomia total dos indivíduos<sup>III</sup>. É possível que seu olhar retrospectivo tenha enfatizado uma crítica muito pesada ao livro, que apresenta afirmações coerentes a esse respeito. Mostra as relações tensas entre crenças difundidas por inquisidores e a mentalidade de camponeses friulanos, lembrando que seria apesado afirmar que a feitiçaria ‘tenha sido, sempre e por toda parte, vivida mecanicamente como um mito imposto a partir de fora, sem vínculo com os desejos, temores e esperanças de seus adeptos’<sup>IV</sup>.

O refinamento da relação complexa entre as redes sociais coercitivas e as posições individuais na construção de contextos históricos estava sendo formulada e em 1976 lança o peculiar *O queijo e os vermes*, que fala da vida de um moleiro comum da Itália renascentista, alguém normal ‘como nós, é um de nós’, mas também ‘muito diferente de nós’. A reconstrução analítica que faz pretende ao menos restituir sua fisionomia, ou seja, a individualidade desse Menocchio e nesse rastreo das relações entre essa pessoa e a cultura escrita de seu tempo

Emergiu assim um filtro, um crivo que Menocchio interpôs conscientemente entre ele e os tetos, obscuros ou ilustres, que lhe caíram nas mãos. Esse crivo por outro lado, pressupunha uma cultura oral que era patrimônio não apenas de Menocchio, mas também de um vasto segmento da sociedade do século XVI<sup>V</sup>.

Ginzburg demonstra em uma vasta pesquisa o funcionamento de uma lógica: o contexto cultural é produto das relações entre pessoas, que criam suas leituras conscientes e as retransmitem através da linguagem num processo de conexões, releituras, tomadas de posição e etc. Reconhece que seu trabalho é devedor da obra de Mikhail Bakhtin, que lhe ensinou a entender a difícil relação que há entre um indivíduo capaz de agir conscientemente nessas redes e a determinação sofrida por elas, superando assim o limitado conceito de ‘absoluta autonomia’ dos agentes<sup>VI</sup>.

Além desse débito devidamente reconhecido há outro, o diálogo com a psicologia da consciência. Essa aparece mais como elemento que orienta a interpretação da capacidade de leitura racional de um tempo que a pessoa faz, ou seja, Menocchio é entendido como capaz de tomar posições racionais após um processo de interpretação consciente de textos e ações que o circundam, melhor dizendo, que lhe são impostos coercitivamente.

Mas a referência da psicologia é longínqua tanto que o *Psicopatologia da vida cotidiana* de Freud foi usado com Theodor Adorno, Marc Bloch e Erich Auerbach. Ginzburg não pretendia questionar tanto os fenômenos aparentemente atemporais, mas os negligenciados pela historiografia, porque segundo ele diz ter caído na tentação de analisar um objeto de pesquisa cujo âmbito temporal era longo e o método, microscópico. Ao que tudo indica esse arcabouço também o aborreceu, porque que essa decisão lhe deixou em apuros (ainda acompanhando suas afirmativas), tendo em vista que a documentação que pesquisou poderia mostrar muito mais um formalismo determinante do que o contraste deste com uma relação histórica<sup>VII</sup>.

As inquietações que perseguiram o historiador talvez fossem que, mesmo entendo as pessoas capazes de agir racionalmente, haviam forças que ultrapassavam os filtros conscientemente colocados pelos indivíduos, vindo determinar suas vidas. Essas formações quase que imutáveis, infimamente históricas, tinham e têm elementos básicos fundados na longa duração temporal. São crenças simbólicas que perpassam eras inteiras e seria preciso um referencial teórico diferente daquele fundamentado na psicologia da consciência, devendo

# CARLO GINZBURG, MIKHAIL BAKHTIN E WALTER BENJAMIN: LEITORES DA PSICOLOGIA

DANIEL DA SILVA KLEIN

ser voltado para esse outro lado das determinações sociais. Acontece que ao invés de continuar cozendo um projeto que poderia dar certo, resolveu requestrar outro.

Dessa feita, em *História noturna* de 1989 aparece o momento da mudança, porque é aí que usa os muitos exemplos das heranças do Sabá para demonstrar a determinação dos elementos simbólicos comuns da humanidade, transmitidos inconscientemente na forma dos seus significados elementares, genéricos. Para tanto usa a noção de Wittgenstein sobre a história como uma narrativa geral que resume um contexto sem necessariamente encadeá-lo cronologicamente. O que procurava eram as conexões das heranças, resumidas, narradas em uma reconstrução que pudesse suprir as lacunas com um argumento morfológico<sup>VIII</sup>.

A demonstração de seus argumentos não parte tanto da historiografia, mas da linguística tal como a divulgada por É. Benveniste. Na sua busca pela reconstrução supraindividual dos mitos, é necessário, seguindo essa fonte teórica, fazer uma comparação diacrônica do que eles significam e não como são designados. A prova de seus argumentos é uma estrutura mitológica, onde 'o núcleo primário é reconstruído pela viagem do vivo ao mundo dos mortos'<sup>IX</sup>. O que chamou a atenção de Ginzburg é que atuando noutra área do saber, Benveniste tinha esse mesmo objetivo, já que pretendia localizar uma matriz única da natureza social da linguagem<sup>X</sup>.

E como tratar morfológicamente essas heranças? Através dos arquétipos do inconsciente coletivo de Carl Jung. Os fundamentos deles como elementos permanentes no tempo histórico e que determinam a cultura emergem de uma comparação de mitos variados, numa vasta territorialidade e temporalidade, com núcleos similares. Dessa feita, focalizou atos linguísticos que seriam justamente essas similaridades e que clarificam, dentre outras coisas, uma percepção humana mínima de sua imagem corpórea. Daí propunha a tese de que a noção de arquétipo poderia ser

reformulada de maneira radical, por estar solidamente apoiada no corpo. Para ser mais exato, em sua autorrepresentação. Podemos apresentar a hipótese de que a autorrepresentação opere como um esquema, uma instância mediadora do caráter formal, capaz de reelaborar experiências ligadas a características físicas da espécie humana, traduzindo-as em configurações simbólicas potencialmente universais<sup>XI</sup>.

O historiador conclui dizendo que a inventividade dos atores sociais por trás das sequências de variantes dos mitos que estudou têm limites precisos, que são as linguagens comuns transmitidas inconscientemente, ou seja, as formas e regras dessa matriz. Assim sendo

A documentação que acumulamos prova, superando qualquer dúvida razoável, a existência de uma subterrânea unidade mitológica eurasiática, fruto de relações culturais sedimentares durante milênios. É inevitável que perguntemos se e até que ponto as formas internas que identificamos são capazes de gerar ritos e mitos isomorfos também no interior de culturas historicamente não conectadas<sup>XII</sup>.

Essa guinada surpreendente (no sentido de sua ânsia por uma generalidade incrivelmente larga no tempo e escala de observação) operada na obra de Ginzburg é destinada, portanto, a comprovar a tese de que os seres humanos possuem uma fonte cultural única. Ela seria sua natureza e pode ser nomeada pelos arquétipos do inconsciente coletivo. Ou, nas suas palavras, o 'que se pretendeu analisar aqui não foi um conto entre tantos, mas a matriz de todos os contos possíveis'<sup>XIII</sup>.

O historiador italiano traduz assim os ensinamentos de Jung, tendo em vista que a cultura aí é uma força atemporal, transmitida através de uma espécie de herança biossocial

## CARLO GINZBURG, MIKHAIL BAKHTIN E WALTER BENJAMIN: LEITORES DA PSICOLOGIA

DANIEL DA SILVA KLEIN

que ultrapassa as determinações históricas de culturas sem qualquer vínculo aparente. O pensador suíço dizia, nesse sentido, que os arquétipos do inconsciente coletivo são formas da psique que estão presentes em todo tempo e lugar<sup>XIV</sup>. Ele desvincula essas formas da historicidade essencialmente pessoal desenvolvida por Freud, enfatizando seu caráter hereditário, natural, ou seja, elas são transmitidas por fatores biológicos universais como, por exemplo, o instinto sexual<sup>XV</sup>.

A primeira pergunta que se faz é: como as formas internas dos mitos são perpassados por eras inteiras, superando incontáveis contribuições de filtros individuais? O que não está dito é justamente como essas heranças determinam ações executadas nas relações sociais e quais são os motores dessa articulação. O percurso da guinada de Ginzburg apresenta, portanto, uma contradição: se em 1989 pensava que as variações culturais superficiais não foram capazes de alterar suas estruturas determinantes, como fica então a noção de filtro, tão bem exemplificado em 1976 quando falou de Menocchio?

A contradição em seu argumento está justamente na desconsideração desses filtros nas variações culturais recebidas pelos indivíduos e grupos, porque a mínima alteração numa estrutura narrativa já é sinal de modificação na herança imaterial recebida do passado. Como escapar dessa contradição? Relendo as heranças que já foram aventadas pelo próprio Ginzburg com Mikhail Bakhtin, propondo um diálogo desse autor com Walter Benjamin e entendendo como os dois constituíram a noção de que os indivíduos são racionalmente conscientes a partir de entendimentos comuns a respeito de Sigmund Freud.

A proposta não é jogar fora a noção de que existem heranças culturais, que vêm sendo repassadas geração após geração, mas entender que elas somente ganham vida quando em execução, ou seja, necessitam dos filtros dos indivíduos. Complementarmente, estes só se constituem como tal mergulhados nas relações sociais que os determinam.

### **Relendo Freud? Sim, mas antes, o método micrológico**

Nos princípios do século XX a teoria de Sigmund Freud causou forte impacto intelectual e, para aquilo que nos interessa aqui, dois autores deram atenção a essa obra no sentido de a colocarem no centro de uma teorização microsocial da realidade. Ambos dão fundamentos a noções que compreendem a ação racional das pessoas, que atuam na construção de contextos sistêmicos. Theodor Adorno talvez tivesse ideia desse projeto, tanto que fala desse tema quando discute Walter Benjamin:

Não lhe preocupa tanto reconstruir a totalidade da sociedade burguesa como pô-la abaixo de uma lupa como algo deslumbrado, natural, difuso. A este respeito, seu método micrológico e fragmentário nunca se apropriou de todo da ideia da mediação universal, que tanto em Hegel como em Marx fundamenta a totalidade. Se manteve tímido em seu princípio de que a mais mínima célula de realidade contempla equilibrada com seu peso o resto do mundo. O que lhe importava era interpretar os fenômenos de forma materialista não tanto explica-los a partir de um todo social como referi-los diretamente, em sua singularidade, a tendências materiais e lutas sociais. Deste modo pensava evitar a alienação e coisificação, dentro da qual a observação do capitalismo como sistema ameaça com equiparar-se a este<sup>XVI</sup>.<sup>1</sup>

Antes da microhistória italiana, Benjamin atentava-se para as questões que Adorno chama de micrológicas, elaborando um olhar microscópico sobre a fundamentação cotidiana dos totalidades, seguindo assim uma técnica de aumento dos objetos mínimos que estuda<sup>XVII</sup>.

---

<sup>1</sup> O texto em questão está em espanhol. No início da década de 2000 a professora dessa língua, Izis Melo da Silva me fez a cortesia de traduzir esse e outros trechos da obra.

**CARLO GINZBURG, MIKHAIL BAKHTIN E WALTER BENJAMIN: LEITORES DA  
PSICOLOGIA**

**DANIEL DA SILVA KLEIN**

Ao transferirem a consciência e o nível da ação para as relações interindividuais, Bakhtin e Benjamin superaram o dilema de que houvesse um conjunto de ajuntamentos societários coercitivos vivendo autonomamente, tendo em vista que dedicaram-se a noção de construção social da realidade. Ela passa a ser então um processo organizado, com infinitas contribuições individuais e não mais uma entidade existente por si.

Bakhtin lamenta que no marxismo o problema das interações ideológicas tenha sido percebido até então como manifestações das consciências autônomas, “fenômenos de natureza psicológica” de indivíduos isolados. Informa, nesse sentido, que esses problemas não podem ser reduzidos às particularidades do psiquismo e devem ser apreciados na sua criação, dando-se especial atenção a língua<sup>XVIII</sup>. No seu entendimento a psicologia tem um papel fundamental para a compreensão devida do corpo social, porque ajuda a entender os atos da fala dentro das cadeias de criação ideológicas ininterruptas, ou seja, de relações sociais interindividuais tais como

as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e, no concerto, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal face às realidades da vida e aos acontecimentos do dia-a-dia, o discurso interior e a consciência auto-referente, a regulamentação social, etc. A psicologia do corpo social se manifesta essencialmente nos mais diversos aspectos da ‘enunciação’ sob a forma de diferentes modos de discurso, sejam eles interiores ou exteriores<sup>XIX</sup>.

O que propõe, portanto, é compreender justamente o processo de criação do social através das cadeias produtivas das relações sociais mediadas pela linguagem. A psicologia aparece como elemento chave no fornecimento de termos que explicam as racionalidades individuais envolvidas, pois chega a ser categórico ao dizer que a pessoa é detentora dos conteúdos de sua consciência. Ela é autora “dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente sócio-ideológico”<sup>XX</sup>.

Walter Benjamin demonstra como esse foco centrado na situação da obra a de uma pessoa dentro das suas relações sociais explica, outrossim, o caráter eminentemente ativo desse produto. Essa atividade, logicamente, não é isolada e parte de um olhar mais curto para uma determinada rede, onde seria capaz de dizer a função exercida. O que vai aparecer nas entrelinhas do argumento a seguir é: como a ação executada por essa pessoa altera seu contexto e como ela entra no fluxo das relações que vão se avolumando? Dessa forma,

Gostaria, por isso, de propor uma pergunta mais imediata. Uma pergunta mais modesta, de voo mais curto, mas que em minha opinião oferece melhores perspectivas de ser respondida. Em vez de perguntar: como se vincula uma obra com as relações de produção da época? É compatível com elas, e portanto reacionária, ou visa sua transformação, e portanto é revolucionária? – em vez dessa pergunta, ou pelo menos antes dela, gostaria de sugerir-vos outra. Antes, pois, de perguntar como uma obra literária se situa no tocante às relações de produção da época, gostaria de perguntar: como ela se situa dentro dessas relações? Essa pergunta visa imediatamente a função exercida pela obra no interior das relações literárias de produção de uma época<sup>XXI</sup>.

O deslocamento proposto na citação é lógico, não se trata de relegar o papel das heranças sociais, suas forças coercitivas, mas coloca-las em seu devido lugar, após os filtros da execução produtiva dos indivíduos. Obviamente que Bakhtin e Benjamin escreveram em momentos distintos, viveram mundos distantes e é possível que jamais tenham tocado um no texto do outro. Mas de alguma maneira compartilharam esse projeto que Theodor Adorno

# CARLO GINZBURG, MIKHAIL BAKHTIN E WALTER BENJAMIN: LEITORES DA PSICOLOGIA

DANIEL DA SILVA KLEIN

chama de micrológico, se interpenetram e têm muitos pontos em comum. O primeiro elemento que liga essas propostas está na noção de execução operada pelos indivíduos em relação: a) com Bakhtin nas cadeias produtivas da linguagem; b) em Benjamin na formação das experiências. O segundo é que ambos desenvolvem seus pontos de vista a partir do *Além do princípio do prazer*<sup>XXII</sup>.

Não se pode negar a novidade representada pelo referido pensamento e as possibilidades abertas pelos novos caminhos de acesso à consciência. É obvio que Freud situa-se numa área do saber que requer uma linguagem dura, seca e que poderia ser entendida como mecânica, tendo em vista que produzia afirmações finalistas tal como a que diz que na “teoria psicanalítica, não hesitamos em supor que o curso dos processos psíquicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer”<sup>XXIII</sup>.

O que a especulação desse arco teórico permite seguir, nas palavras de seu fundador, é entender a consciência como uma função, ou seja, um processo que fornece ao indivíduo percepções de excitações vindas do mundo externo e sensações de prazer e desprazer emergindo no interior do aparelho psíquico<sup>XXIV</sup>.

A ênfase da necessidade de relações sociais em rede que sustentam e são sustentadas pelos indivíduos, tão caras a Bakhtin e Benjamin, encontram em Freud um trampolim privilegiado. Nele o problema social também é essencial na formação da consciência, isso porque ela não pode existir se não tiverem os estímulos externos. Claro que nele as questões internas assumem a dianteira esquemática:

Sem dúvida, as excitações vindas de dentro serão, por sua intensidade e por características outras, qualitativas (e eventualmente por sua amplitude), mais adequadas ao modo de funcionamento do sistema do que os estímulos provenientes do mundo exterior. Mas duas coisas são decididas por tal situação: em primeiro lugar, a prevalência das sensações de prazer e desprazer, que são um índice para o que ocorre no interior do aparelho, sobre todos os estímulos externos; em segundo lugar, a adoção de uma conduta ante as excitações que provocam um excessivo aumento do desprazer<sup>XXV</sup>.

Podemos dizer, a partir dessa breve citação, que em Freud existe um estudo da cadeia produtiva da consciência, lembrando que as relações sociais são entendidas como estímulos do mundo exterior. Enfatizamos, porém, que em Freud a indeterminação também se faz presente no fato dele dissociar o indivíduo da sociedade (e vice e versa), tanto que chegará a afirmar que a psicologia individual é também social<sup>XXVI</sup>.

## **Mikhail Bakhtin e as cadeias produtivas da linguagem**

Mikhail Bakhtin elabora essa leitura de Freud à moda materialista dialética no livro *O freudismo*, submetendo-o ao esquema de base e superestrutura: explica que ele não entende como essencial o papel do homem na história (sua classe, nação, época histórica e etc), mas seu sexo e idade, ou seja, “tudo o mais é mera superestrutura erigida sobre esses elementos. A consciência do homem não é determinada pelo seu ser histórico, mas pelo ser biológico, cujo aspecto fundamental é a sexualidade”. Dessa forma afirma que o tema da consciência aparece aí primeiramente como crítica da consciência<sup>XXVII</sup>.

De maneira alguma abandona o pai da psicanálise, porque a partir daí propõe uma saída dessa prisão ao dizer que não há esse indivíduo biológico abstrato, superior, à parte da ideologia. Prefere pensar que ele não existe fora da sociedade, de suas condições socioeconômicas objetivas, porque só se torna uma realidade histórica e culturalmente produtiva como parte de um todo, que é a classe social. Isso porque, ainda segundo Bakhtin,

# CARLO GINZBURG, MIKHAIL BAKHTIN E WALTER BENJAMIN: LEITORES DA PSICOLOGIA

DANIEL DA SILVA KLEIN

não nasce como um organismo, mas como fazendeiro, camponês, proletário, russo ou francês e num dado tempo – 1800 ou 1900, quem sabe.

Para ele somente essa localização torna o homem real e determina o conteúdo da criação de sua vida cultural, tendo em vista que nenhum de seus atos, formação ideológica como pensamento, imagens artísticas, sonhos e outros podem ser explicados fora dessas condições socioeconômicas<sup>XXVIII</sup>. Nesse sentido, fundamenta teoricamente a cadeia de transmissão das experiências (para usarmos um termo à Walter Benjamin) ou, melhor dizendo, as cadeias produtivas das linguagens, consideradas como meio-mediadoras das relações sociais entre as pessoas. Elas são os espaços em que se constroem os contextos através das contribuições interindividuais, onde é possível sabermos qual o alcance das execuções pessoais de alguma ação para alterar aspectos das esferas sociais em que vivem. Nas palavras de Bakhtin:

Na experiência externa, correspondem à vivência interior as palavras do orientando, através das quais ele comunica tais vivências. Essa expressão das vivências tem o nome de resposta verbal (ou 'relatório verbal' na terminologia dos behavioristas).

A resposta verbal é um fenômeno sumamente complexo. Constitui-se dos seguintes componentes:

1 o fenômeno físico do som das palavras pronunciadas;

2 os processos fisiológicos no sistema nervoso, nos órgãos da pronúncia e da recepção;

um grupo especial de fenômenos e processos, que correspondem ao 'significado' da palavra e à 'compreensão' desse significado por outro (ou outros). Esse grupo não se presta a uma interpretação puramente fisiológica uma vez que os fenômenos a ele relacionados ultrapassam os limites de um organismo fisiológico isolado, presumindo a interação de vários organismos. Dessa maneira, esse terceiro componente da resposta verbal tem caráter sociológico. A formação de significados verbais requer o estabelecimento de contatos entre espectadores, respostas motoras e auditivas no processo de um convívio social longo e organizado entre os indivíduos. Mas esse grupo também é perfeitamente objetivo: porque todas essas vias e processos que servem à formação de contatos verbais atravessam a experiência externa e, por princípio, são acessíveis aos métodos objetivos, ainda que estes não sejam puramente fisiológicos<sup>XXIX</sup>.

O que se frisa é que os sistemas sociais somente existem em funcionamento, ou seja, quando as pessoas se relacionam em um determinado contexto. A família, classe, os conflitos, uma organização social e etc. só têm fundamento quando pessoas as vivenciam, construindo em um tempo específico, nas relações complexas entre a transmissão multidimensional das experiências internas e as externas. Assim, ele dedica especial atenção às responsabilidades de cada um nas cadeias produtivas das linguagens. No *Estética da criação verbal* a responsabilidade aparece como atividade responsiva e cada ato está vinculado a uma série temporal<sup>XXX</sup>. Debatendo com a linguística clássica, Bakhtin aprofunda o esquema de cadeia produtiva da linguagem descrevendo suas etapas em funcionamento:

Neste caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo e etc; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda a compreensão da fala viva, do enunciado vido é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda a compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante<sup>XXXI</sup>.

## CARLO GINZBURG, MIKHAIL BAKHTIN E WALTER BENJAMIN: LEITORES DA PSICOLOGIA

DANIEL DA SILVA KLEIN

Nessa passagem está demonstrada a capacidade de compreensão de uma pessoa na transmissão da linguagem vinda de outros, sua interpretação interna e comunicação externa, bem como a importância da contribuição, por mínima que for, de alguém num dado contexto (seu nível de execução, alcance, o ‘grau de ativismo’). A leitura que faz de Freud ajuda a caracterizar essa etapa racional – consciente – da ação interindividual nas relações mediadas pela linguagem, que são a base que fundamentam a existência dos sistemas sociais em funcionamento na criação contextual.

O *Além do princípio do prazer* aparece como um texto que lhe é especial no sentido de apresentar as duas fazes de desenvolvimento da personalidade humana, de um lado o princípio do prazer e de outro o da realidade. Segundo Bakhtin é a partir do desenvolvimento de ambos que ocorre

uma seleção psíquica, e só aquela formação psíquica que suporta uma prova dupla do ponto de vista de ambos os princípios, como que se legaliza, ganha plenitude de direitos e integra o sistema superior do psíquico – a *consciência* (itálico no original)<sup>xxxii</sup>.

Esse processo de formação da consciência humana como uma espécie de trabalho mental é primordial para o autor russo, que adota também a noção do inconsciente não verbalizado, ou seja, fora do âmbito das relações sociais, do mundo historicamente construído. Como já se enfatizou, não se trata de relegar as heranças imateriais, mas entender que elas somente aparecem na história através do filtro conscientemente colocado por indivíduos executando suas relações sociais. Nesse sentido, a importância capital de Freud para Bakhtin é o ensinamento de que todo conhecimento está permanentemente ligado a consciência, até mesmo o inconsciente que só é acessível quando se fala dele<sup>xxxiii</sup>. Nas suas palavras,

a análise crítica da teoria psicológica de Freud nos levava integralmente à questão específica das respostas verbalizadas e de sua importância no conjunto do comportamento humano, questão essa tão importante e difícil na psicologia do homem.

Veremos que todas as manifestações e conflitos psíquicos, que a psicanálise traz ao nosso conhecimento, são inter-relações e conflitos complexos entre respostas verbalizadas e não-verbalizadas do homem<sup>xxxiv</sup>.

### Walter Benjamin e a poética da experiência

Se em Bakhtin Freud aparece mais como um teórico para a compreensão devida da formação racional das cadeias de relações sociais, em Benjamin ele é explicitamente acionado como fundamento para a noção de produção consciente das experiências individuais das pessoas.

Discutindo também o *Além do princípio do prazer*, de 1921, diz que no texto há o estabelecimento de uma correlação entre a memória involuntária e o consciente. Interessava-se sobretudo pelo caráter conservador da atividade memorialística em oposição a impressionista, dizendo que

A proposição fundamental de Freud, subjacente a essas explicações, é formulada pela suposição, segundo a qual ‘o consciente surge no lugar de uma impressão mnemônica’. O consciente ‘se caracteriza, portanto, por uma particularidade: o processo estimulador não deixa nele qualquer modificação duradoura de seus elementos, como acontece em todos os outros sistemas psíquicos, porém como que se esfumaça no fenômeno da conscientização’<sup>xxxv</sup>.

CARLO GINZBURG, MIKHAIL BAKHTIN E WALTER BENJAMIN: LEITORES DA  
PSICOLOGIA

DANIEL DA SILVA KLEIN

Destarte a nervura discutida na hipótese acima é que o processo de conscientização de uma pessoa transforma aquilo que está nas profundezas da memória em algo palpável, utilizável nas relações sociais, ou seja, traduzindo “em termos proustianos: só pode se tornar componente da *mémorie involuntaire* aquilo que não foi expressa e conscientemente ‘vivenciado’”<sup>XXXVI</sup>.

Em Benjamin o tema das memórias subterrâneas, escondidas sob os escombros da consciência é parte essencial de sua crítica ao capitalismo. O choque da conscientização no processo de constituição das experiências é ampliado no sentido de saber o quanto ela é capaz de proteger as vivências dos estímulos externos, sustentando aí o conteúdo de uma dada posição cronológica da pessoa<sup>XXXVII</sup>. Esse percurso é, para ele, o caminho que forma as experiências individuais e coletivas, que são “matéria da tradição”, termo que se caracteriza como a interação necessária, obrigatória, entre indivíduo e sociedade. Para reafirmar a característica relacional da experiência, diz que nem mesmo as inquietações da vida interior de uma pessoa possuem um caráter irremediavelmente privado<sup>XXXVIII</sup>.

Assim como Bakhtin, Benjamin insiste na irreducibilidade das relações entre indivíduo e sociedade. O texto onde explicita essa sua leitura freudiana é o famoso artigo *O narrador*. Podemos dizer também que essa obra exemplifica os argumentos da cadeia produtiva da linguagem, sobretudo na famosa passagem em que aborda a questão da experiência transmitida de pessoa para pessoa, fonte a que recorrem todos os narradores. Para ele a experiência é um processo, um fio que liga os indivíduos: uma recebe de outra(s) as experiências comunicadas, trata em seu interior, transmite, outro(s) recebe(m) e assim sucessivamente vai se encadeando a execução dessas contribuições. Na constituição dessas redes relacionais, Benjamin distingue dois tipos de narradores, que se interpenetram de múltiplas maneiras, quais sejam

‘Quem viaja tem muito que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através de seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e o outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. Cada uma delas conservou, no decorrer dos séculos, suas características próprias<sup>XXXIX</sup>.

Adiante, porém, nos alerta que ainda não foi devidamente percebida aquilo que chama de uma ‘relação ingênua’ entre ouvinte e narrador em interação na cadeia de transmissão das experiências, que é a conservação daquilo que é transmitido<sup>XL</sup>. Essa é caracterizada pela intencionalidade, ou seja, as contribuições individuais entram num fluxo e somam-se a outras em uma complexidade que somente cresce, vão ficando para trás, mesmo que recuperadas, não deixam de serem relidas e colocadas à prova do passado. Elas podem ser esquecidas ou destruídas pela luta de classe (o desenvolvimento perturbador dessa ideia está nas suas *Teses sobre o conceito de história*).

Tal como as cadeias produtivas da linguagem, que só existem na execução, sendo elas os meios de relações sociais, a experiência aqui também somente pode ocorrer dessa forma. Benjamin chega a se perguntar “se a relação entre o narrador e sua matéria-prima – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal”<sup>XLI</sup>? O artesanal evidentemente é essa labuta constante na feitura das experiências.

Como nota de encerramento dessa seção, é impossível não falar da posição política de Benjamin ao adotar o pensamento freudiano em oposição ao nazismo, tendo em vista que

# CARLO GINZBURG, MIKHAIL BAKHTIN E WALTER BENJAMIN: LEITORES DA PSICOLOGIA

DANIEL DA SILVA KLEIN

rechaçou mais de uma vez Carl Gustav Jung como representante de uma certa terapia reservada aos arianos. Informava a um amigo, em 1937, que seu anunciado livro sobre as passagens parisienses debateria os arquétipos do inconsciente coletivo e a longa afinidade do analista para com o nacional socialismo<sup>XLII</sup>. Anota-se que Jung, se não era nazista, professava uma suposta neutralidade suíça no mínimo curiosa e talvez conivente<sup>XLIII</sup>.

## Considerações finais

Quando Carlo Ginzburg elaborou uma guinada no seu trabalho historiográfico, pode-se afirmar que em certo sentido foi deixando de lado, também, alguns componentes da microhistória, já que se voltou para generalizações e esquemas amplos de narrativas. A centralidade original dos filtros conscientes dos indivíduos foi abandonado nesse percurso e a proposta aqui defendida é um retorno a essa questão.

A virada de Ginzburg deu-se no campo da psicologia e o retorno que se propõe também ocorre nesse setor, mas com outros referenciais, sobretudo Bakhtin e Benjamin leitores de Freud. Ao término podemos dizer que nas relações sociais qualquer vivência (incluindo os mitos, guerras, estruturas gerais e etc) não se reduz ou é dissociada. Se uma herança, seja qual for, receber algum contribuinte, fruto de um longo processo de leitura individual, já não é mais o que era antes desse ato. Se transforma na retransmissão e só tem significado nesse complexo de execução das cadeias produtivas da linguagem-interações sociais.

Dessa forma é impossível falarmos da possibilidade de uma história geral? Lógico que não, porque o que deve ser feito é enfatizarmos aquilo que elas são, apenas forças imersas em longas séries contínuas, quase intermináveis, de filtros conscientemente colocados por pessoas em constante relacionamento histórico.

---

<sup>I</sup> Docente da área de Estudos em História da Universidade Federal do Acre, doutor em História pela Universidade de São Paulo. Artigo fruto de pesquisas acadêmicas. Contato: danieldasilvaklein1984@gmail.com.

<sup>II</sup> GINZBURG, Carlo. **Historia Noturna: decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 42.

<sup>III</sup> GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1985, pp. 15-16.

<sup>IV</sup> Ibidem, pp. 168-169.

<sup>V</sup> GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 12.

<sup>VI</sup> Ibidem.

<sup>VII</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 10-11.

<sup>VIII</sup> GINZBURG, Carlo. **Historia Noturna: decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 31.

<sup>IX</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>X</sup> PAVEAU, Marie-Anne. **As Grandes Teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática**. São Paulo: Claraluz, 2006, p. 62 e p. 215.

<sup>XI</sup> GINZBURG, Carlo. **Historia Noturna: decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 257.

<sup>XII</sup> Ibidem, p. 293.

<sup>XIII</sup> Ibidem, p. 311.

<sup>XIV</sup> JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 53.

<sup>XV</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>XVI</sup> ADORNO, Theodor. **Sobre Walter Benjamin**. Madrid: Cátedra Teorema, 2001, p. 21.

<sup>XVII</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>XVIII</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 25.

<sup>XIX</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>XX</sup> Ibidem, p. 58.

**CARLO GINZBURG, MIKHAIL BAKHTIN E WALTER BENJAMIN: LEITORES DA  
PSICOLOGIA**

DANIEL DA SILVA KLEIN

- 
- XXI BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993, p. 122.
- XXII FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Obras completas, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- XXIII Ibidem, p. 121.
- XXIV Ibidem, p. 136.
- XXV Ibidem, pp. 140-141.
- XXVI GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 408-409.
- XXVII BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo: um esboço crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 6.
- XXVIII Ibidem, p. 11.
- XXIX Ibidem, p. 15.
- XXX BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. xxxiv.
- XXXI Ibidem, p.270.
- XXXII BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo: um esboço crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 33.
- XXXIII Ibidem, p. 47.
- XXXIV Ibidem, p. 20.
- XXXV BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 108.
- XXXVI Ibidem.
- XXXVII Ibidem, p. 111.
- XXXVIII Ibidem, p. 106.
- XXXIX BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993, pp. 198/199.
- XL Ibidem, p. 210.
- XLI Ibidem, p. 221.
- XLII BENJAMIN, Walter; SCHOLEM, Gershom. **Correspondência**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1993, p. 269.
- XLIII BAIR, Deirdre. **Jung: uma biografia, vol. 2**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2006, p. 85.

## **Referências**

- ADORNO, Theodor. **Sobre Walter Benjamin**. Madrid: Cátedra Teorema, 2001.
- BAIR, Deirdre. **Jung: uma biografia, vol. 2**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo: um esboço crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, Walter; SCHOLEM, Gershom. **Correspondência**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1993.
- FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Obras completas, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

**CARLO GINZBURG, MIKHAIL BAKHTIN E WALTER BENJAMIN: LEITORES DA  
PSICOLOGIA**

DANIEL DA SILVA KLEIN

---

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Historia Noturna: decifrando o Sabá.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis: Vozes, 2000.

PAVEAU, Marie-Anne. **As Grandes Teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática.** São Paulo: Claraluz, 2006.